



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA**

Autorizada pelo Decreto Federal nº 77.496 de 27/04/76

Recredenciamento pelo Decreto nº 17.228 de 25/11/2016



**PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E POS-GRADUAÇÃO**  
COORDENAÇÃO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA

## **XXVII SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA UEFS SEMANA NACIONAL DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA - 2023**

### **O LEGADO LINGUÍSTICO DA LÍNGUA KARIRI NO SEMIÁRIDO BAIANO**

**Letícia Suely de Santana<sup>1</sup>; Norma Lucia Fernandes de Almeida<sup>2</sup>;**

1. Bolsista PIBIC/CNPq, Graduando em Licenciatura em Letras com Língua Inglesa, Universidade Estadual de Feira de Santana, e-mail: [leticiaparaindia@gmail.com](mailto:leticiaparaindia@gmail.com)
2. Orientador, Departamento de Letras e Artes, Universidade Estadual de Feira de Santana, e-mail: [norma@urfs.br](mailto:norma@urfs.br)

**PALAVRAS-CHAVE:** Língua Kariri Dzubukuá; Lexicografia; Tapuias.

#### **INTRODUÇÃO**

O presente estudo está vinculado ao Projeto de Pesquisa *Um estudo lexicográfico do semiárido baiano*, do Departamento de Letras e Artes (DLA), da UEFS, e também à pesquisa *A arte de letrar em língua kiriri: a catequese dos povos indígenas no semiárido baiano e seu legado linguístico na formação do português brasileiro*<sup>1</sup>. Dessa forma, busca-se fazer uma análise documental da língua *Dzubukuá*, família Kiriri, tronco Macro-Jê, a partir de registros encontrados na obra *Catecismo da língua Kariri* (1709), do Pe. Bernardo de Nantes, quando esteve em missão de catequese, na aldeia Pambu - norte da Bahia, no século XVIII, e também a investigação através de levantamento lexicográfico por meio de obras já publicadas sobre o povo Tumbalalá, para conferir se há lexias ainda faladas cotidianamente pelo povo.

Baseado nos objetivos propostos no plano de trabalho, abordaremos também o impacto da catequese na língua Dzubukuá, da família Kariri, pertencente ao tronco linguístico Macro-Jê e da ação dos missionários, que em algumas situações se puseram contra determinações da coroa. Tratamos de outros fatores do contexto histórico em que estão inseridos os povos indígenas do sertão, que atingiram diretamente a língua desses povos, dentre estes, o povo Tumbalalá, aldeia foco da pesquisa. Assim surge o interesse de procurarmos resquícios lexicais desta língua que ainda sejam falados pelo povo no seu cotidiano, pois segundo dados trazidos no laudo antropológico, o povo não fala mais a sua língua materna, assim como diversos povos espalhados pelo sertão que tiveram sua língua censurada pela imposição, inicialmente, do Tupi e, posteriormente, do português, devido a políticas linguísticas e tentativas de civilização do gentio. Por

<sup>1</sup> Pesquisa realizada pela doutoranda Rejane Cristine Carneiro Santana, sob orientação da Profª. Dra. Norma Lúcia Fernandes de Almeida – PPGEL/UEFS. A relação seria na coleta de dados. A coleta seria feita tanto por mim, quanto pela doutoranda Rejane Santana. No entanto, não houve tempo para realização da coleta antes da realização do relatório por conta dos trâmites no comitê de ética.

essa razão, justifico a pesquisa no sentido de além de contribuir para estudos linguísticos sobre a história da formação do português brasileiro, também poderá descobrir a origem etimológica de lexias faladas pelo povo, mas que o próprio desconhece; sendo assim, por revelar algo sobre esse povo e sua língua, contribui também para o seu fortalecimento identitário.

Enquanto estavam em missão, alguns missionários viram a necessidade de se doutrinar na língua nativa dos “Tapuias”<sup>2</sup>, assim, surgiu a ideia da criação de catecismos nessa língua, que pode ter contribuído para sua preservação entre os falantes. O Dzubukuá é uma das línguas da família Kariri, apontada como pertencente ao tronco linguístico Macro-Jê, que foi documentada: o *Catecismo da língua Kariris* (1709) escrito pelo Pe. Bernardo de Nantes quando estava em missão religiosa na região do semiárido onde se encontram as aldeias Aracapá, Cavalo, e por último Pambu, terra habitada pelo povo Tumbalalá. Embora Bernardo e seu irmão Martinho de Nantes não tenham se estabelecido em Pambu, essa aldeia era vizinha e ele a visitava, como relatado na sua *Relação de uma missão no Rio São Francisco*(1979). A aldeia estava sob o comando do Padre Anastácio d’Audienre, o fundador, segundo Nantes e outros padres.

## **METODOLOGIA**

A pesquisa se dará em uma perspectiva de cunho histórico-descritivo dos processos diacrônicos de mudança linguística, através de levantamento de dados lexicais registrados na obra *Catecismo da língua Kariris* (1709) do Pe. Bernardo de Nantes e através de análise da dados obtidos através de levantamento lexical em obras já publicadas que contém entrevistas junto ao povo Tumbalalá.

A partir das obra de Nantes, conforme Petrucci (2003), tais estudos devem se pautar em uma metodologia de testemunhos escritos: (i) com investigação na consistência do texto quando transcrito para o código gráfico habitual; (ii) na relevância em se estudar o contexto histórico em que esses compêndios foram escritos, as técnicas, os instrumentos para a materialização dessa escrita; (iii) quem a realizou, qual o lugar deste escriba, o seu tempo e o ambiente da difusão social dessa escrita; (iv) com qual objetivo foi escrito esse texto, de que forma foi versado e sobre qual olhar.

Para fazer a discussão sobre os “tapuias” e contato com os jesuítas e colonos , e da história social das língua Kariri e o tronco linguístico Macro-Jê, aproveitamos o

2 Termo em Tupi, que quer dizer “inimigo” que foi usado pelos colonizadores para denominar os indígenas que não falavam o Tupi. Ver: MONTEIRO, John M. Tupis, tapuias e historiadores. Estudos de História Indígena e do indigenismo, 2001.

estudo de Mattos e Silva (1999, 2008), Rodrigues (1993, 1994), Santana e Mendes(2020), Mattoso Câmara(1977) e Pompa(2002,2003).

Assim, faremos um estudo, numa perspectiva etno histórica, baseado em escritos da época, com análise histórica e cultural para análise comparativa com povos indígenas descendentes da língua Dzubukuá, na perspectiva de coletar resquícios lexicais da família linguística Kiriri que corroboraram para a formação do português brasileiro do semiárido baiano

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Ao analisar os dados obtidos, de acordo com o significado encontrado nos dicionários Houaiss (2011) e Michaelis (1998), a maioria das palavras catalogadas está dicionarizada e etimologicamente identificadas como sendo Tupi. Desse modo, podemos supor que a aldeia Pambu tenha passado pelo processo de *tupinização*<sup>3</sup>, assim que os capuchinhos deixaram de catequizar na aldeia, já que eles eram os que defendiam a catequese em língua Kariri, ao contrário dos jesuítas. Outro resultado semelhante a esse, foi obtido por Santana e Mendes( 2020), na aldeia Massacará do povo Kaimbé<sup>4</sup>.

Ao analisar se há alguma palavra correspondente no Katecismo(1709), o termo mais próximo que encontramos com a pronúncia e grafia foi o *Waiuca*, similar a Anjuká, que para os indígenas é uma bebida ritualística, e no Katecismo, o significado é referente a um [...] cãto supersticioso[...] (Ibidem, p.157/129), que o frei menciona quando trata sobre os costumes e ritos dos indígenas. Quanto às mudanças na formação da palavra, uma explicação seria devido às alterações que são passíveis a toda língua em razão do tempo e aos contatos com outros povos. Só é possível saber mais a respeito do significado dessa palavra e se pode haver alguma correspondência entre elas através de uma consulta direta ao povo Tumbalalá.

Outro termo que pode significar algo para o povo, é o termo *paewi*, encontrado no Katecismo de Nantes, e corresponde a cachimbo. No caso dos Tumbalalá, o cachimbo para eles tem o nome de *Koaki*. Dessa vez, a grafia teria passado por bastante transformação, mas novamente, só através de consulta ao povo, poderíamos conferir se na história há uma pronúncia diferente para esse termo.

Quanto ao restante das palavras catalogadas, boa parte é dicionarizada, mas a

3 Ver.: NOBRE Wagner Carvalho de Argolo. Introdução à História das Línguas Gerais no Brasil: processos distintos de formação no período colonial. Dissertação de mestrado. UFBA, Salvador -BA, 2011.

4 Ver.:SANTANA, Rejane Cristine Carneiro; MENDES, Luan Oliveira. O Legado Linguístico dos Tapuias no Sertão Baiano. Revista Lêgua & Meia, v. 12, n. 1, p. 81-96, 2020.

sua etimologia é de línguas africanas, obscura, controversa ou duvidosa, como no caso de Cabrobó, município vizinho à aldeia. Segundo a descrição dada no dicionário Houaiss, a palavra “prov. do cariri coprobó no sentido de 'guerra'”. Temos também Catolé e Aribé, uma controversa e outra obscura, mas que na descrição apontam como palavras presente no sertão e usado na região do São Francisco, o que podemos sugerir que seja de origem Kariri.

### CONSIDERAÇÕES FINAIS

Embora a perda cultural tenha sido grande devido a catequização e as proibições quanto às práticas ritualísticas e costumes dos “Tapuias”, a de alguns religiosos nas aldeias teve o benefício da permanência desses povos no seu território, contra o que a administração da coroa queria, o que contribui diretamente para a sua sobrevivência.

Baseado nos estudos sobre a história social das línguas indígenas, entendemos que as políticas linguísticas, a imposição da língua Tupi (processo de *tupinização*), e, posterior imposição do português, também o extermínio dos indígenas submetidos a guerras e disputa de território foram os principais fatores para o verdadeiro glotocídio que sofreu a língua Kariri Dzubukuá na aldeia Pambu do povo Tumbalalá, apesar do investimento dos catecismo e outros documentos que foram escritos para catequizar em língua Kariri e ajudou a hoje a termos o registro escrito dessa língua.

Quanto as lexias encontradas, supomos que aquelas que não estão registradas em dicionários seja de origem Kariri, por conta do contexto histórico de ocupação daquelas terras por “tapuias”, e também devido a serem ligadas diretamente a objetos e ornamento dos costumes e tradições dos Tumbalalá.

### REFERÊNCIAS

- Typographia da Gazeta de notícias, 1881.
- MATTOSO CÂMARA, Joaquim. **Introdução às Línguas Indígenas Brasileiras**. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1977.
- MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia. **Português brasileiro: raízes e trajetórias**. São Paulo, 1993. p. 240-241.
- MONTEIRO, John. **A língua mais usada na costa do Brasil**. In: **Tupis, tapuias e historiadores: estudos de história indígena e do indigenismo**. Tese de Livre Docência. Campinas: Unicamp, 2001.
- POMPA, Cristina. **O lugar da utopia: os jesuítas e a catequese indígena**. *Novos Estudos*, São Paulo, n. 64, p. 83-95, 2002.
- POMPA, Cristina. **Religião como tradução: missionários, Tupi e Tapuia no Brasil colonial**. Bauru: EDUSC, 2003.
- SANTANA, Rejane Cristine Carneiro; MENDES, Luan Oliveira. **O Legado Linguístico dos Tapuias no Sertão Baiano**. *Revista Léngua & Meia*, v. 12, n. 1, p. 81-96, 2020.
- RODRIGUES, Aryon Dall'Igna. **Línguas indígenas: 500 anos de descobertas e perdas**. São Paulo: DELTA, 1994. p. 49.